



POBRES·SERVOS
DA·DIVINA
PROVIDÊNCIA

Administração Geral

A Gestão como sinal profético no mundo de hoje

Reflexão de Mons. Ezio Falavegna
em ocasião do encontro sobre gestão calabriana
realizado nos dias 9 e 10 de junho 2016
em Maguzzano (BS)

**Coletânea “Gestão calabriana”
Para uma Obra de discípulos-irmãos-missionários**

CONGREGAÇÃO POBRES SERVOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA

Opúsculo publicado pela Administração Geral
com a colaboração da Delegação San Giovanni Calábria
e o “Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana”

Junho 2017

A gestão como sinal profético no mundo de hoje

*Ezio Falavegna*¹

Introdução

Quando falamos em Carisma e em profecia, é claro que se trata de dois elementos que caminham juntos. Simplificando, poderíamos dizer que o Carisma salienta a experiência do dom, ou seja, de uma graça confiada a alguém; a profecia, ao invés, é o dinamismo dentro do qual aquele dom se entrega, ou seja, é a maneira na qual aquele dom encontra a possibilidade de se expressar no tempo e no espaço.

Eis, então, que não há profecia sem Carisma, nem tampouco Carisma sem profecia. Isto fica evidente se olharmos através da ótica da Sagrada Escritura, mas continua evidente também quando nos referimos à nossa experiência cotidiana. Por exemplo, quando recebemos um presente, a lógica do dom nos

¹ Esta palestra é o fruto da reflexão proposta pelo autor, em ocasião do encontro de gestores da Obra Dom Calábria, realizado em Maguzzano (Brescia) nos dias 9 e 10 de junho de 2016. O texto não foi revisado pelo autor. Mons. Ezio Falavegna, sacerdote da Diocese de Verona, é formado em “Teologia Sistemática” junto à Faculdade Teológica da Itália Setentrional, em Milão e Doutor em Teologia Pastoral junto à Universidade Pontifícia Lateranense em Roma. A palestra integral do autor está disponível, também em formato vídeo, no canal youtube da Opera Don Calabria: www.youtube.com/user/doncalabria1.

leva para uma dúplici tensão: de um lado sabemos que aquele é um dom e carregamos no coração a pessoa que no-lo doou, e portanto, nesta lógica, a relação com “o outro” é uma componente fundamental; por outro lado, porém, nós somos chamados a fazer uso daquele dom. Por exemplo, se eu receber uma caneta de presente, com certeza irei me lembrar de quem me deu aquele presente, mas, ao mesmo tempo, come irei usá-lo. Em outras palavras, terei sempre presente a origem daquele dom, mas nem por isso irei colocar a caneta num museu, antes pelo contrário, irei usá-la conforme as necessidades.

A profecia é exatamente esta capacidade de pôr em jogo continuamente a relação inicial, isto é, o amigo que me deu o presente, e a vida de todo dia, durante a qual eu sou chamado a “dar utilidade” a esse presente.

O Carisma, uma história de liberdade

Quando nós falamos em Carisma, seja ele o calabriano ou de qualquer outra realidade, devemos observar que o primeiro aspecto, que aparece, é a relação que existe dentro do próprio Carisma. Na verdade, ele não é uma realidade monolítica, mas dinâmica. O Carisma está *associado a um nome*, que faz parte de uma história, que, por sua vez, é feita de nomes e de rostos. Isto é como quando Deus manifesta Seu nome, Ele diz: “ Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó ...” É um Deus que se doa numa história feita de relações. Eis que, então, não é possível compreender um dom, a singularidade de um evento de graça, em maneira avulsa dos rostos dentro dos quais o dom foi entregue.

O Carisma também vem de uma história feita de relações, de rostos e de nomes. É um dom que está ligado não somente a quem doou, mas também àquele que tornou-se seu guardador no tempo, prestando-lhe um rosto.

Nisto consiste sua beleza: não há Carisma desligado de uma história, de um nome. Existem muitos Carismas, mas à base de todos eles, se olharmos bem, tem uma relação. Portanto, se quisermos entender o Carisma e a profecia, não podemos prescindir da vivência daquelas relações e daqueles nomes. Neles está a memória das pessoas que acolheram aquele Carisma, e entregam-o em sua vida, em sua história, em sua experiência.

E tem mais: o Carisma, de fato, não pode ser entendido dentro de uma história qualquer, mas está sempre dentro de uma história de salvação. Um Carisma não se reduz a uma lista de fatos de crônica. Trata-se sempre de um conjunto de eventos, nos quais somos chamados a ler a ação de uma realidade de salvação, que torna aquela história uma história de salvação. Se não fosse assim, aqueles fatos seriam somente tantos fragmentos, até bonitos e importantes, mas, de alguma forma, "mortos" e "passados".

O Carisma, portanto, está intimamente ligado a uma relação, mas *está ligado* também *a uma terra*, a um fragmento de vida, a uma experiência muito concreta, que se revela como lugar sagrado. Eu gostei muito da imagem utilizada por Papa Francisco, durante a última assembleia dos bispos italianos, em Roma, quando disse, indicando o rosto de um pároco: "o meu sacerdote está descalço". Esta expressão não deve ser

entendida em termos econômicos, antes, relembra uma linda expressão bíblica, na qual Deus ordena a Moisés: “Não te aproximes mais, tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde pisas é uma terra santa”. Ficar descalços significa reconhecer de estar em um território sagrado, embora este possa se achar em condições desastrosas. O Carisma é exatamente isto: é a experiência de um dom colocado dentro de uma relação, que sabe habitar um lugar determinado, reconhecendo-o como sagrado. Eis, então, porque quem habita o Carisma está descalço.

Um terceiro aspecto do Carisma é este: ele nasce, como dissemos, sempre dentro de uma relação, e se concretiza numa história, mas isto acontece numa dinâmica de liberação em relação a uma realidade ferida. Cada Carisma, cada *experiência de dom está ligada a um compromisso de liberdade*, a um realinhar a vida numa maneira harmônica e plenamente expressiva.

No texto belíssimo do Levítico, citado antes, quando Deus se apresenta dizendo: “Eu sou o Senhor vosso Deus, Deus de Abraão, de Isaac ...”, depois Ele acrescenta estas palavras: “Eu sou o Deus que vos fez sair da terra do Egito, para que não fósseis mais seus escravos, quebrei o vosso jugo, e fiz com que caminhásseis de cabeça erguida”.

Este é o Carisma: é o dom de uma relação que Deus entrelaça dentro de uma história, visando despertar consciência da dignidade do outro. Portanto, não há carisma se não for colocado na perspectiva de uma liberação, de uma renovada dignidade. Isto vale para todos os ambientes em que

vivemos, sejam eles educativos, sanitários o outro qualquer. O Carisma permite restituir dignidade dentro de uma história ferida.

A este propósito, há uma expressão muito bonita, usada pelo salmista no Salmo 2: “Quero anunciar o decreto do Senhor. Ele me disse: tu és meu filho, Eu hoje te gerei”. Como poderia haver maior dignidade do que aquela que permite a alguém caminhar de cabeça erguida? É exatamente esta: poder anunciar que somos filhos de um Deus, que é Pai.

Esta grande dignidade deveria ser o estímulo que nos leva a servir o próximo. A dignidade do homem e da mulher, que deriva da certeza de ser filho/filha de Deus, é um motivo mais do que suficiente para justificar o fato de pôr-se a seu serviço. Sobre esse assunto temos muitas parábolas evangélicas. Pensemos, por exemplo, à motivação do perdão. Santo Irineu, comentando a parábola do pai misericordioso, a certa altura se pergunta: mas, por que será que Deus, aquele pai, perdoa aquele filho?” Com certeza, não porque aquele jovem estivesse convencido de ter errado, nem tampouco por ele ter dado garantias nesse sentido: simplesmente perdoa-o por ser filho, e este é um motivo mais que suficiente aos olhos de Deus.

Se feito com essa motivação, o ato de servir coloca-se na ótica do “gerar”. Nós somos chamados a servir os outros simplesmente porque são filhos. Não precisamos de outros motivos...

Enfim, retomando o texto de Bento XVI, o Carisma *vive para uma missão específica: introduzir os homens e as mulheres do nosso tempo à relação com Deus*. Isto não significa fazer

proselitismos. Com a palavra proselitismo, aqui entendemos um raciocínio deste tipo: ‘eu cuido de ti, tomo conta de ti, se depois, porém, tu vieres para o meu lado’. Não se pode raciocinar deste modo nos lugares e nas atividades onde se manifesta o Carisma. O Carisma é muito mais do que isso. Carisma significa permitir ao outro acessar à relação gratuita e universal com Deus, o qual, com a Sua maneira de relacionar-se conosco, não está minimamente preocupado em subjugar-nos, antes pelo contrário, quer nos tornar livres.

Toda vez que Jesus sara alguém, pensemos, por exemplo, ao filho da viúva de Naim, ou então quando ressuscita Lázaro, ou a filha do chefe da sinagoga, acrescenta sempre: “deixai-o ir”. A verdadeira cura não consiste em apoderar-se do outro, e sim liberá-lo. Também neste processo de liberação consiste a beleza do Carisma, que começa a delinear-se como profecia. A ação Carismática é uma ação que visa entregar ao outro a liberdade plena, embora ela possa estar muito longe da minha maneira de ver, do meu modo de sentir, de pensar.

A grande dignidade, reconhecida ao homem e à mulher, representa uma das maiores expressões do Carisma, entendido com dom. Esta é a ótica certa, através da qual olhar, e nisto consiste o desafio pastoral. Não é necessário apelar para quicá quais iniciativas, mas antes, valorizar quanto de belo e sensato existe no ser humano, à luz do Evangelho e de uma relação com Deus, que tem a capacidade extraordinária de fazer conhecer quão bonita pode ser a humanidade.

Se nós conseguíssemos levar as pessoas até o ponto de serem capazes de se tornar homens e mulheres, teríamos conseguido

dizer o que de mais alto está dito no Evangelho sobre a vida. O objetivo não é tornar cristão quem não é cristão, ou já não o é mais. O objetivo é gerar homens feitos de humanidade plena, nova, perfeita, que é aquela de Jesus Cristo! O grande desejo de Deus é que o homem viva e viva plenamente. Depois de curar alguém, Jesus nunca se preocupou em levá-lo para rezar no templo, antes, preocupou-se em reabilitar a pessoa, devolvendo-lhe a dignidade de homem e de mulher, e, através desta dignidade, fazer a experiência da paternidade de Deus e da própria identidade de filho.

Às vezes nos acontece de cairmos na arapuca da qual falávamos antes: nos dedicamos aos outros, damos a eles a dignidade que merecem, mas, no fundo, pensamos que, desse jeito, conseguiremos trazê-los para o nosso lado. Ao passo que Jesus diz exatamente o contrário: “deixai-o ir”, depois de cada cura. O seu é um olhar “gerador”, o olhar de uma mãe e de um pai. Gerar “na fé” significa pôr uma relação numa história nova, plenamente expressiva da própria dignidade, livre e diferente das nossas imagens ou dos nossos projetos de domínio. Exatamente o que acontece entre pais e filhos.

Entre profecia e Carisma: a história do profeta Jeremias

Para entrar no específico da relação entre gestão e profecia, dentro das obras nascidas de um Carisma, desejo partir de uma figura muito concreta, ou seja, o profeta Jeremias, que me parece ser muito significativa para o nosso tema.

O profeta é aquele que fala em nome de Deus, o Deus da aliança, o Deus que tem um projeto na história do homem. Portanto, o profeta vive sempre inserido num contexto histórico, político, social, religioso bem definido, e para compreender sua mensagem, é necessário conhecer as coordenadas históricas, dentro das quais ele age. Isto vale para todos os profetas, até para aqueles atuais, inclusive Dom Calábria.

Jeremias situa-se entre o ano 627 a.C. e a queda de Jerusalém, no ano 587 a.C., mas a sua atividade profética continuará também depois. A época de Jeremias está marcada por dois acontecimentos importantes: o primeiro é a morte prematura do justo Giosias, e o segundo é o início do domínio de Babilônia, que culminou com a famosa deportação do povo hebraico.

Por consequência desses eventos históricos, também o profeta atravessa diferentes fases, que podem parecer estar em contradição entre elas, assim como acontece também na nossa experiência. Jeremias parece viver contradições enormes: por exemplo, ele assiste à queda de Jerusalém, mas não foi deportado para Babilônia, junto com seu povo; ele fica na cidade com uma pequena parte do povo de Israel, e a partir deste lugar ele continuará a sua tarefa de anunciar a Palavra. Na história de Jeremias, eu leio um enredo não muito diferente da nossa história. Nós também estamos vivendo numa época na qual também parece haver uma queda, pelo menos de valores.

Gerusalém, então, está caindo aos pedaços. Porém Jeremias permanece aí, não lhe se pede para ir para outro lugar. Permanece ali, em Gerusalém, e do lado de dentro daquela cidade perdida, anuncia um motivo de esperança. As palavras e os gestos do profeta estão todos ligados entre eles, e exprimem a importância desse ligame.

Parece-me que, olhando para a figura de Jeremias, e relacionando-a ao nosso tema, podemos colocar em evidência três aspectos. Antes de descrevê-los, porém, queria dizer alguma coisa sobre a vocação de Jeremias, ponto de partida de sua história. Na Bíblia, conta-se que Deus, dirigindo-se a ele, disse: “Antes que tu te formasses no seio de tua mãe, Eu já te conhecia, antes que tu nascesses, Eu te consagrei”. Jeremias responde que não está pronto, que não sabe falar por ser demasiado jovem. Ma o Senhor insiste, e estendendo a mão, toca a boca de Jeremias e diz: “Colocarei na tua boca as minhas palavras”.

Logo depois de sua vocação, Jeremias teve duas visões, e é a partir destas visões que eu quero evidenciar o primeiro aspecto significativo de sua figura, no que diz respeito à relação entre profecia e Carisma. Na primeira visão, o Senhor diz: “O quê estás vendo, Jeremias?” E Jeremias responde: “Vejo um ramo de amendoeira”. E Deus: “Tu viste muito bem, porque Eu vigio sobre a minha palavra para realizá-la”. Por isso aquele ramo de amendoeira torna-se o sinal de uma vitalidade: a palavra tem condições de gerar, é fruto. Porém, logo depois acontece outra coisa. Deus pergunta: “ O quê estás vendo agora?”. E Jeremias: “Vejo uma panela com a boca inclinada

levemente para Setentrião”. Desta vez também Deus diz a Jeremias que tinha visto bem, porque do norte se espalharia a desgraça sobre todos os habitantes da terra. Virão, destruirão Jerusalém, levarão tudo à ruína, saqueando tudo.

Provavelmente, Jeremias tenha ficado desorientado com essas duas visões. De um lado a palavra de Deus, que traz fruto, do outro, a destruição e o desespero. Mas, Deus de que lado estava? É Aquele que está por destruir tudo, o Aquele que mantém Sua palavra? Como conseguir conciliar a primeira visão, na qual Deus diz que vigia sobre sua palavra para realizá-la, tornando-se, portanto, uma promessa de salvação, com a segunda, na qual é representado o espaço de historicidade, com seus eventos de ruína e destruição?.

Jeremias sentirá sempre, sobre sua pele, essa tensão, sempre na luta e enfrentando constantemente a dureza e a fadiga da vida. Olhando bem, porém, nesta aparente contradição podemos ler um daqueles desafios nos quais se encontram profecia e Carisma. Em outras palavras, como poderei administrar o que me foi confiado na contradição das coisas?

Pois bem, está exatamente nesta contradição o primeiro ato, no qual Jeremias se coloca: ele encontra-se no espaço contraditório de uma história concreta, onde porém ele é chamado a confiar numa Palavra, que gera salvação. “ Eu estou contigo para te salvar”, dirá Deus a Jeremias.

Creio que esta seja a primeira grande palavra de profecia, que nós somos chamados a entregar nos contextos em que operamos. Quando, muitas vezes, nos encontramos a operar

em contextos de fragilidade, de feridas, de afastamentos, de marginalidade, tem uma panela fervendo pronta a queimar tudo, e apesar disso, Deus nos fala: “Eu estou contigo para te salvar”.

Há uma segunda imagem, muito bonita, quando, a certa altura, Jeremias discute com outro profeta, Ananias. Neste contexto, Jeremias acha-se numa “gaiola”, com um jugo nas costas. Ananias, que é o profeta, reúne todos e anuncia ao povo: “O Senhor manda dizer isto: Eu irei arrebentar o jugo do rei de Babilônia, e entre dois anos farei retornar ao seu lugar tudo quanto foi retirado do templo, farei retornar o meu povo, e Israel experimentará verdadeiramente a beleza da salvação.

Jeremias, perguntado, responde a Ananias: “Assim seja, assim verdadeiramente faça o Senhor, e que Ele realize o que estás profetizando” Então Ananias manda tirar o jugo dele e diz: “ Vai, Jeremias, verdadeiramente o Senhor está contigo!”. Então Jeremias vai embora, mas, pouco depois, retorna e, tomando a palavra, diz a Ananias: “tu arrebastaste, é verdade, o jugo de madeira, que eu tinha nas costas, porém Deus diz: no lugar dele Eu colocarei um de ferro”. Neste ponto, Jeremias contradiz Ananias e afirma: “Não é verdade que este povo será libertado entre dois anos, mas será necessário muito mais tempo, um tempo de purificação, um tempo para observar atitudes de conversão, de compromisso renovado. Israel deverá antes encontrar novas motivações na esperança, a partir da relação com o Senhor”. E Ananias, depois de dois anos, morre.

Este episódio parece-me emblemático e significativo para nós também. Perante as dificuldades do momento, que vivemos em todos os contextos, há sempre o perigo de ler a realidade em duas maneiras diferentes: aquela de Ananias e aquela de Jeremias, ambos profetas! Ananias, que proclama uma solução rápida: entre dois anos tudo estará resolvido. Esta representa a lógica pela qual, muitas vezes, entregamos falsas promessas, para entender melhor, podemos dizer que é assim a agem frequentemente os políticos, onde todos parecem ser o profeta de turno, e têm a solução imediata para cada problema. Jeremias, ao contrário, anuncia tempos longos, indica um processo, no qual a profecia se realiza. É muito mais difícil e, por certos aspectos, impopular, indicar processos que exigem mudanças, porque isso significa enfrentar mudanças de mentalidade, significa propor objetivos realísticos, capazes de confrontar-se com a realidade das pessoas, indicando etapas para um caminho possível.

E isso exige paciência, pois é próprio o ato de quem ama e, com responsabilidade, sabe colocar o presente num futuro carregado de esperança.

Este debate entre Ananias e Jeremias revela também um outro aspecto importante, ou seja, a Palavra não pode prescindir do confronto com a realidade histórica. Em outras palavras, o profeta nunca pode desconhecer a realidade, não joga ao ar palavras vazias, mas enraizadas na história à qual pertence, na realidade que lhe pertence. Desta forma, ele sabe mesmo indicar, dentro daquela história, os processos que muitas vezes são processos longos, que requerem paciência,

nos quais, porém, se manifestará aquela esperança anunciada. Jeremias parece dizer: “Não creiais nos fáceis Profetas! Naqueles que vos oferecem palavras vazias, prometendo soluções imediatas, e que possuem respostas para tudo”. A verdadeira profecia está ancorada na realidade da história, nos tempos pacientes do crescimento das pessoas, com a coragem de pagar pessoalmente, e de enfrentar, muitas vezes, também a realidade falimentar de algumas escolhas, de percursos errados, sempre, porém, em sintonia, e no confronto com o povo. Assim como aconteceu com Jeremias. Esta é uma outra dimensão importante, porque há sempre o perigo, também na gestão das coisas, de soluções fáceis, que não levam em conta os reais processos históricos e concretos, dentro dos quais se coloca a vida.

A profecia como renascer de um momento de crise

Há um terceiro aspecto para o qual gostaria de aproveitar mais uma vez a história de Jeremias. Sabemos que ele estava em Gerusalém, e a ele tinha sido confiada a tarefa de escrever uma carta para o povo deportado em Babilônia. Em particular, refiro-me à carta aos deportados, que encontramos no capítulo 29. Trata-se de uma carta carregada de esperança e de confiança, porém, num estilo bem diferente daquele de Ananias, o qual dizia ao povo para não se preocupar, porque a solução chegaria rapidamente. Jeremias, ao contrário, convida o povo a viver, a levar em frente a própria vida com força e coragem. Escrevendo aos exilados, deseja dar coragem, deseja estimulá-los a fazer daquele tempo de exílio, uma experiência

positiva, que vai além da dor. Ele busca transformar aquele momento difícil, que eles estão vivendo, num lugar de humanização.

O nosso tempo atual também é um tempo de oportunidades, de abertura, aceitando também a fadiga do momento, reconhecendo que ele pode se transformar num ponto de partida para uma vida nova, uma vida fecunda. Eis o rosto do profeta. É o rosto daquele que, nas dificuldades, indica que a verdadeira salvação acontece quando somos capazes de habitar, em plenitude, na terra onde nos é concedido morar, embora longe de onde gostaríamos. O profeta vive em plenitude também no momento do exílio. E aqui volto para Jeremias, o qual diz aos seus, que estão no exílio: "Vivei bem em Babilônia ... não renunciéis a viver!". E chega até a dizer: "plantai jardins, plantai árvores em Babilônia, colocai flores nos jardins!".

Eu creio que nestas palavras esteja o anúncio de uma vida capaz de construir, de plantar, de aceitar a terra de exílio como terra de vida possível, uma terra na qual é possível começar a atuar a salvação prometida. Eis, então, que a escolha de habitar o exílio produz uma promessa de futuro. Não devemos ficar ancorados ao passado, que não voltará mais, mas é preciso abrir-se para uma perspectiva nova e diferente de uma aliança que se renova sempre e de qualquer jeito, numa maneira nova e desconhecida: isto é quanto nos diz o profeta.

E então, a pergunta é a seguinte: como habitar esta terra? Como habitar este lugar de exílio? A este propósito, Jeremias é muito claro. Ele fala em construir, em plantar, edificar uma

casa para nela morar, operar para o bem daquele País, como para dizer: “Olha que a tua vida depende da vida do País onde tu estás, e não de outro lugar qualquer”.

Talvez, neste ponto, podemos entender a lógica da encarnação, de um Deus que veio habitar entre nós. Em outras palavras: quer dizer *estar nesse lugar, vivenciar esse lugar*, embora continuemos a considerá-lo um lugar de exílio; fazer ouvir a própria voz, sentir o desejo de futuro aqui dentro, na situação e no momento que habitamos, reconhecendo este lugar, embora um lugar de exílio, como um espaço de futuro, de uma esperança, de um caminho possível, que está na nossa frente. Eis o profeta. O profeta diz: “Vive ali, onde tu estás”.

Também para nós, às vezes, existe o perigo de pensar que nunca estamos onde gostaríamos de estar: quando estamos no trabalho, continuamos a falar de férias, quando estamos de férias, falamos de trabalho! Isto pode acontecer também lá onde nós administramos as nossas coisas: desse jeito corremos o risco de não estarmos nunca presentes no lugar e no momento onde vivemos. Ao invés, o profeta diz: “Habita-o! Planta árvores ali!”. Claro que o sonho de voltar para Jerusalém não esmorece, mas este sonho é acima de tudo um estímulo a viver a vida habitando e construindo o futuro lá onde estamos agora. Isto não é certamente fácil. O profeta diz: “Também no exílio poderás discernir a promessa de salvação da palavra divina. Deus te garante que voltarás para Jerusalém, mas tu deves conseguir ler a Sua presença no lugar onde te encontras agora.”.

Da profecia à gestão

Quais processos e experiências somos chamados a pôr em ato para realizar quanto nos diz Jeremias, e, em geral nos dizem os profetas? Analisando bem, parece-me que os profetas, em suas pregações, nos dão algumas indicações concretas sobre o que fazer. Acima de tudo, Jeremias, como todos os profetas, é uma pessoa que deseja pôr ao centro o núcleo fundamental da fé e confrontar-se sobre isso, fazendo com que aquele núcleo acione as nossas escolhas concretas. Em outras palavras, a verdadeira inteligência do profeta não é, primariamente, aquela que leva a fazer uma leitura sociológica, política, econômica sobre as escolhas a serem feitas, por serem as mais vantajosas. Ao contrário, a primeira coisa a fazer é pôr em discussão as próprias escolhas, a partir do verdadeiro núcleo que deveria gerá-las: a fé, o Carisma, o espaço histórico dentro do qual a relação com Deus foi a mim doada.

Às vezes acontece que, nos olhamos entorno e descobrimos experiências que poderiam parecer mais fascinantes, isto é, parecem funcionar melhores na comparação com a nossa instituição, ou com a nossa maneira de trabalhar. Por si só, a comparação pode não ser negativa, mas devemos lembrar que há um ponto de partida: o que põe em xeque as minhas escolhas não é o fato que lá as coisas funcionem melhor, mas é a relação com o núcleo fundamental da nossa origem. O metro é a nossa relação com Deus, ou seja, o núcleo da nossa fé.

O profeta não quer simplesmente oferecer uma esperança, para além de qualquer limite, mas nos oferece uma experiência de Deus. Oferece-nos, exatamente a partir dessa experiência,

uma nova compreensão do homem e da história. Afinal, não é suficiente olhar para as coisas com uma ótica política, é preciso ler a realidade à luz da fé, partindo da experiência do Carisma e do dom.

Alguém poderia pensar que uma atitude desse tipo pode correr o risco do integralismo. Os profetas, porém, nos garantem: “Absolutamente, não”. De fato, a experiência deles na Bíblia nos ensina que o primado da fé não significa subtrair-se ao compromisso com a história, ela não tira concretude ou autonomia nas escolhas políticas a serem feitas, aliás, ao contrário, oferece-lhes motivação e direção. Portanto, embora não possa ser definido diretamente político, o discurso do profeta, que fala de Deus e do homem, também não pode certamente ser julgado irrelevante em relação ao compromisso que temos no mundo. Com certeza não é um discurso diretamente político, mas vem carregado de consequências políticas, isto é pacífico.

Um exemplo, a este propósito, é representado pelo tema da gratuidade e da universalidade do amor de Deus, que fundamenta a dignidade de cada homem e de cada mulher. Qual poder teria este princípio se o colocarmos ao centro da nossa experiência de fé? Primeiramente poderia arrancar pela raiz a possibilidade de legitimar experiências que possam favorecer a marginalização de homens e mulheres. De fato, se tu disseres: “No centro da minha experiência de fé tem um Deus que ama gratuitamente e universalmente a todos”, isto me leva a fazer escolhas políticas muito concretas. Mais do que isso, me leva a tornar-me um promotor de solidariedade

radical, que encontra sua origem naquele modelo de amor gratuito e universal de Deus.

Um outro exemplo diz respeito ao compromisso em favor dos últimos, dos marginalizados, dos mais pobres. Esse compromisso não é o centro da fé, mas é uma derivação dela. De fato, o centro da fé é sempre a relação com Deus. A partir deste núcleo, sou chamado a reverter todas as minhas escolhas, com evidentes consequências que repercutem inevitavelmente na concretude da vida.

Sublinhar o núcleo da fé, como fazem os profetas, não significa, portanto, promover o integralismo religioso, ao contrário, significa fazer com que aquele núcleo nos oriente nas escolhas concretas. E quando isso acontece, o resultado é arrebatador.

Além da importância do núcleo, do qual tudo parte, o profeta evidencia um outro aspecto: o primado de Deus. Todavia, não se trata do primado de um Deus abstrato e estigmatizado nas doutrinas, mas antes, estamos falando do Deus dos vivos. Quando Deus se apresenta, é um Deus que quer ajudar o homem. Na dinâmica dos profetas, o homem não está a serviço de Deus, mas é Deus que está a serviço do homem. Não há necessidade de muitos templos onde fazer morar Deus, porque a morada de Deus é o próprio homem, o homem vivo, com todas as suas fragilidades e fraquezas. Cada homem é um templo porque é habitado por Deus. Então afirmar o primado de Deus, assim como faz o profeta, significa revelar continuamente a presença de um Deus solidário, um

Deus que se dobra, um Deus que se compadece, que se deixa envolver, que chora com o homem.

Mas, ao mesmo tempo, o profeta repete continuamente ao homem que há no mundo uma necessidade de Deus, que o homem, apesar de tudo, está continuamente em busca de dar um sentido à sua vida, e aquela inquietude profunda, que o homem vivencia dentro de si, é o reflexo do seu afastamento de Deus. Eludir esta necessidade significa desmentir o próprio homem. Também neste caso, trata-se de uma passagem que tem consequências políticas não indiferentes, especialmente no que diz respeito à gestão. De fato, deixar de satisfazer em maneira autêntica e correta esta insuprimível exigência do homem, significa desmentir o primado de Deus. E isso significa oferecer perspectivas de salvação alienantes.

Como o profeta proclama o primado de Deus no âmbito da gestão? Ele faz isso lá onde ele abraça o homem, onde está com os últimos, onde é acolhido o homem ferido; faz isso toda vez que que é afirmada esta necessidade radical do homem, de querer dar um sentido à sua vida, reduzindo a distância de Deus. Estar do lado do homem, especialmente do último, significa fundamentalmente estar da parte de Deus, e, portanto, afirmar o primado de Deus.

Este aspecto aplica-se também à vida de uma comunidade, assim como uma paróquia. No fundo, há inúmeras agências que fornecem serviços semelhantes àqueles fornecidos pela paróquia. Então, eu faço a mim mesmo esta pergunta com frequência: “Em relação a essa maneira de agir, tem alguma diferença entre aquilo que fazem os outros e o que fazemos

nós, até com competências e meios mais pobres? Eu acredito que a diferença esteja exatamente no anúncio deste primado de Deus, um anúncio cultivado interiormente e depois entregue, como fosse um dom, aos outros. Nisto consiste “o a mais” que nós podemos oferecer.

Se assim não fosse, deveríamos nos perguntar: “Mas para que uma obra tomar conta de um hospital, de uma escola, da distribuição de comida para os pobres ... não poderia fazer isso o Poder Público?”. O sentido do que fazemos não está na lógica da eficiência, mas naquela do primado de Deus, capaz de dar uma resposta à necessidade radical do homem em querer dar plenitude à sua própria vida.

Se esse aspecto não for palese nas nossas obras, como nos alerta o profeta, no quê nos distinguiríamos dos outros? No quê a nossa gestão seria diferente? Essa é uma questão que deve estar sempre presente no nosso agir. Penso, por exemplo, à gestão econômica de uma paróquia: com certeza, na atividade da comissão, que trata dos assuntos econômicos de uma paróquia, nem sempre os critérios de suas escolhas são aqueles pastorais. Acontece, às vezes, que nós percamos a lucidez em relação aos valores, que deveriam nos guiar. Mas é juntos que nós poderemos nos ajudar reciprocamente para não perder aquilo que é o coração da nossa missão. E a nossa missão não pode se fechar entre os quatro muros, onde se encontram as comissões. Das nossas reuniões deve transparecer aquele “a mais” que nos diferencia. As nossas escolhas não podem entrar imediatamente numa ótica de eficientismo ou de retorno em termos econômicos.

Isso vale ainda mais quando tratamos de certos âmbitos, como aquele da formação, que sabemos ser deficitário por natureza. Ou melhor, sabemos que é deficitário aos olhos do mundo, pois se tu fazes atividade de formação, não estarás realizando nenhum produto, que permita, no futuro, recuperar o dinheiro investido. Na ótica econômica, tudo é visto na lógica da produtividade, perdendo-se, dessa forma, o conceito de gratuidade.

No mundo, não contra o mundo

Um terceiro elemento do processo, que somos chamados a ativar, diz respeito à atitude em relação às estruturas existentes. O profeta, sobre isso, nunca se coloca numa posição de embate, também quando nos confrontamos com realidades surgidas numa ótica leiga. Com certeza ele reconhece que há uma diferença entre uma instituição religiosa e uma instituição leiga, mas não transforma essa diferença em contraste entre uma visão de fé e uma visão mundana. O profeta é testemunha de uma diferença radical, vivenciada por ele no interior da estrutura onde ele se encontra, e não fora dela, ou em oposição. Ele não se assusta por uma visão cultural diferente da dele, mas, ao contrário, promove uma cultura nova vinda do interior. E isso, às vezes, chega a subverter as estruturas existentes.

Em outras palavras, o profeta não está preocupado em criar uma nova estrutura, como se fosse a verdadeira estrutura de Deus; ao contrário, ele se coloca dentro da cidade ferida, frágil, e, estando dentro desse contexto, ele cria um processo que

promove uma cultura diferente. Se há uma alternativa que o profeta deseja pôr em ato, não é certamente a contraposição em relação ao outro, mas é a transformação da sociedade, operando de dentro dela, promovendo uma cultura de valores centrados naquele núcleo de fé e naquele primado de Deus, descritos anteriormente.

Infelizmente, na nossa realidade, nos acontece, às vezes, de agir numa ótica de contraposição. Podemos pensar: “se a prefeitura tem um refeitório para os pobres, vou fazer eu também um outro refeitório, porém, desta vez, da paróquia”. Ou então, “ Visto que tem uma escola de um determinado tipo, então vou abrir eu também uma escola alternativa ...” O profeta não age dessa forma, ele não está preocupado com isso. A sua preocupação é, antes disso, gerar, de dentro para fora, uma outra visão cultural, sabendo que ali está o verdadeiro desafio. Diante de uma praça, ele não pensa em construir uma outra praça para os seus amigos. Pelo contrário, dentro daquela praça, ele marca presença e propõe a sua visão.

Um outro ponto importante diz respeito a constância do profeta em afirmar que o único primado é aquele de Deus. Isto sim, ele repete tantas vezes, e até com veemência! Tratando-se desse assunto, o profeta chega a zangar-se, às vezes. Zanga-se quando alguns erguem tronos para outros senhores. E até neste caso, a polêmica não é contra a estrutura. O alvo da sua ira, ao contrário, é o orgulho do homem, que pretende tomar o lugar de Deus, administrando as coisas como se delas fosse dono e não como deveria ser, um zeloso guardião do primado de Deus. Eis, então, que o profeta zanga-se por causa de todas

aquelas soberanidades que não permitem que apareça o estilo com o qual opera Deus. Por isso, ele promove um movimento oposto àquele de Babilônia. Babilônia é o símbolo de uma orgulhosa pretensão de querer subir em direção ao topo, isto é, a pretensão de administrar, de dominar o lugar onde nos encontramos. Ao contrário, o movimento do profeta é aquele de descer para o fundo: do céu ao coração da história. E é esta a diferença entre o trono de Deus e o trono dos homens. O trono dos homens, contra o qual o profeta se zanga, indicando-o como idolatria, é a lógica de quem quer erguer-se acima dos outros para dominar, para dobrar os outros aos seus interesses. Ao invés, o primado de Deus aproxima-se do homem para amá-lo, para salvá-lo. Esta é também a lógica presente nas comunidades religiosas, onde alguém que poderia chegar a ser também superior geral de uma congregação, que, porém, uma vez findo seu mandato, pode acabar numa cozinha, preparando a comida para os outros irmãos. Isto me parece estar muito em sintonia com quanto indicado pelo profeta!

O lugar onde vivemos deve ser um lugar de serviço, mas não um serviço funcional à nossa sede de autoafirmação, ou de poder (o teu trono), pelo contrário, uma ocasião para afirmar o trono de um Outro. A este propósito, é interessante observar que os profetas, muitas vezes, auspiciam que haja um tempo definido para todos os reis da terra, que, mais cedo ou mais tarde, todos deveriam cair de seu trono. Trata-se de uma ótica muito diferente daquela clerical! Falo do meu âmbito: se tiver sido confiada a ti uma paróquia de trezentas almas, e tu ficas à espera de que o bispo te entregue uma paróquia de, pelo

menos, oitocentos habitantes, e assim por diante, até chegares aos setenta e cinco anos. Isso é um verdadeiro absurdo. O profeta, ao contrário, alegra-se quando vê cair os tronos dos homens. Algum deles chega a dizer: “Desce do teu trono, antes que Deus o destrua”. Este transforma-se num apelo para quem é chamado a administrar os serviços: administrar numa ótica de profecia significa privilegiar uma lógica de serviço e nunca de autoafirmação

Ser profetas hoje?

Papa Francisco, falando dos tempos atuais, diz que hoje não vivemos uma época de mudanças, e sim, uma mudança de época. Isto é muito significativo, porque nós continuamos a repetir : “estamos numa fase de mudanças”, enquanto, na verdade, somos chamados a acordar e reconhecer que já mudou. As coisas já mudaram e o verdadeiro problema é saber se nós estamos neste mundo novo.

Uma outra afirmação interessante vem do biblicista Bruno Maggioni quando diz: “Não se trata de adaptar o Evangelho às novas situações, mas, antes, repensar o Evangelho dentro das novas situações”. Repensar o Evangelho ... quão pregnant é esta expressão e quantas consequências traz consigo!

A partir dessas duas afirmações, fica claro que o que se pede a nós, gestores de atividades nascidas de um Carisma é, antes de tudo, a capacidade de promover uma cultura nova. Mas qual cultura? Uma cultura que tenha capacidade de entender que a complexidade em que vivemos (étnica, cultural, religiosa,

econômica, social, etc.) não traz necessariamente consigo a perda de identidade, mas, ao contrário, pode se tornar uma ocasião de crescimento e de amadurecimento da nossa identidade. Por isso mesmo, somos chamados a ler o tempo que estamos habitando, como uma oportunidade de fazer nascer uma cultura, que supere o medo da complexidade e da diversidade. É bom entender que o fato de perceber os riscos que isto traz consigo, é sinal de inteligência. Porém, a consciência destes riscos não deve nos assustar. Pode parecer até banal dizer que a primeira maneira de ser profetas e de administrar com estilo profético, é exatamente aquele de admitir a existência da complexidade. Porque, se não partirmos dessa consciência, corremos o risco de operar na fragmentariedade, e até, da improvisação.

Claro que o profeta vive suas fadigas, a dificuldade de compreender o tempo em que ele vive, porém, ele continua sempre fiel à maneira de agir de Deus. E isso é verdade sobretudo quando suas palavras, seu estilo de vida já se chocaram com o sistema político, social , religioso. É exatamente nesse ponto, quando o profeta nos surpreende e nos escandaliza, que nós precisamos enxergar o sinal da novidade de Deus, que age.

Por isso, então, se quisermos administrar as nossas obras, promovendo uma cultura nova, talvez precisemos começar, nós também, a surpreender e escandalizar. Ao contrário, corremos o risco de não surpreender mais.

A verdadeira modalidade com a qual alguns profetas destacaram-se, em seu contexto histórico, tem sido aquela de

cultivar e administrar uma nova cultura, estritamente ligada à profecia de seu Carisma. Agindo dessa forma, eles conseguiram surpreender e escandalizar seus contemporâneos, porque agiam em maneira tão diferente daquela ordinária.

Creio que, se uma comunidade não for capaz de surpreender, provavelmente aquela comunidade tenha algum problema, ou, pelo menos, pode ter perdido parte de sua capacidade de surpreender e de modificar as coisas, respeito à maneira usual de operar na sociedade.

Um outro elemento de profecia, e vimos isso também em Jeremias, é aquele de saber administrar uma situação, embora sendo minoria. Claro, o fato de se reconhecer como minoria, traz consigo algum risco. Por exemplo, quando alguém tem consciência de pertencer a uma minoria, poderia se conformar com isso e redobrar-se sobre si mesmo. E muitas vezes constatamos que este redobrar-se sobre si mesmo, assume a forma do conservadorismo, ou até, do fechamento como um ouriço, assumindo uma ótica de polêmica e de hostilidade. E isso poderia até acontecer por um desejo de purismo: para retornar à pureza inicial, podemos nos tornar de alguma forma intransigentes.

Há também outro risco relacionado ao fato de ser minoria. Com efeito, pode acontecer de cairmos no radicalismo, entendido como ativismo exasperado. Como somos poucos, - este é o raciocínio - nos sobregarregamos de trabalho para não perder mais posições; somos poucos, mas não podemos renunciar a estarmos presentes em tudo.

A condição de minoria, a consciência de ser minoria, ao contrário, deveria nos educar a renovarmos-nos num impulso de abertura. A nossa é a lógica do grão de trigo, que deve ser colocado na terra e não numa redoma de vidro. A esse propósito, é significativo o fato que, na parábola da semente da mostardeira, Jesus conte a história partindo da perspectiva da menor de todas as sementes, que depois se torna uma árvore. Ele não parte da perspectiva de uma grande árvore, mas de uma semente pequena.

Ter consciência de ser minoria nos leva a ter cuidado com a pequena semente, contemplando-a já no horizonte de ser árvore. E, ao mesmo tempo, nos permite de cuidar do fragmento já no horizonte do todo. É esta condição de minoria, que hoje pode dizer uma palavra nova de profecia, que nos permite abraçar a condição verdadeira da pobreza, exatamente porque nos educa a cultivar o essencial do Evangelho e a torná-lo um pouco mais visível.

Hoje, um dos problemas que devemos enfrentar, até em nível de pastoral, é aquele de chegar ao essencial. Possuímos tanta riqueza de elementos doutrinários, a ponto que, às vezes, se alguém nos pedisse de explicar o Evangelho a partir de seus elementos essenciais, teríamos dificuldade em responder. Até por isso, às vezes, ser minoria poderia representar uma grande oportunidade. Isso permite-nos retornar a compreender aquilo que é essencial. Poderíamos chegar a dizer que, o fato de nos encontrar num contexto não mais favorável à fé, talvez represente uma ocasião profética, um momento extraordinário que nos leva a buscar o essencial.

Tomar consciência de ser minoria significa voltar para um estilo mais evangélico, não raciocinar mais com lógicas de poder, mas agir de maneira desinteressada, de não perceber mais o fato de possuir privilégios, mas antes, retornar a ler a realidade na ótica do Evangelho, que é aquela de doar tudo.

Talvez a situação de minoria poderia nos ajudar a não querer trabalhar mais isolados, mas juntos; a renovar alianças, assim como dizem os Bispos italianos nas orientações pastorais deste decênio: educar para a vida boa do Evangelho. Ser minoria poderia nos permitir, talvez, trabalhar mais na ótica do *conjunto*, porque sozinho sei que não vou conseguir e, portanto, vou procurar buscar possíveis alianças nos espaços onde estou. Isso poderia me levar a dar tudo com a máxima generosidade, também naquelas iniciativas nascidas fora da nossa casa, não administradas diretamente por nós, mas que nos são entregues.. Afinal, ser minoria não é necessariamente um desastre: poderia ser uma grande oportunidade.

Vigiar sobre o essencial

Prosseguindo no nosso percurso, parece-me importante sublinhar que o profeta é aquele que administra continuando a vigiar. Vigiar: esta é, talvez, a primeira responsabilidade que nós temos. Neste caso, vigiar significa prestar atenção e não perder de vista o fundamento último do nosso operar. Isto é, nós fazemos tantas coisas, nos comprometemos com a defesa do homem e da sua dignidade, mas todas essas coisas queremos fundamentá-las no reconhecimento de que, na

verdade, Deus é aquele que defende primeiramente a dignidade do homem. O primado é de Deus e não nosso.

Eis, então, que, assim como o profeta, somos chamados a vigiar para que permaneça dentro de nós aquilo que deve estar em primeiro lugar na nossa maneira de administrar as coisas, fazendo com que, onde trabalhamos, esteja sempre presente a boa nova de que Deus está a favor de todos. E, se existe algum privilégio, porque Deus não é neutral (é bem verdade que Ele ama a todos, mas Ele não é neutral) esse privilégio deve ser a favor daqueles que nós marginalizamos, os últimos.

Em outras palavras, devemos vigiar para que permaneça inalterada a fonte da nossa motivação para o serviço, para buscar aquelas condições e instrumentos que utilizaremos para ajudar as pessoas a se levantarem. E esta vigilância pede, não somente que tenhamos consciência de que Deus é “o primeiro” em nosso agir, mas nos pede também que estejamos atentos a sermos livres nisto.

Ser livres no anúncio do primado de Deus, significa não cair na tentação das lógicas de poder ou do mundanismo, que poderiam enfraquecer as nossas escolhas. Mas, para conseguir isso, é preciso sermos desinteressados, isto é, precisamos vigiar sobre a gratuidade. E a gratuidade é exatamente um dos parâmetros para verificar a presença de Deus em nosso operar.

Como podemos vigiar sobre esta dimensão da gratuidade? Uma atitude importante parece-me ser a capacidade de se colocar em defesa de cada pessoa, seja quem for e onde estiver. Eis que, desse jeito, nós podemos afirmar que somos

gratuitos. Isto é, quando não agimos com a lógica dos privilégios, ou de pistas preferenciais em nosso operar.

Um outro aspecto da vigilância sobre a gratuidade, é aquele de prestar atenção para que haja sempre a predileção pelos últimos, pessoas que chegam a ser tão “últimas” a ponto de não conseguir fazer nenhuma pressão sobre nós, passam despercebidos.

Um outro elemento, sobre o qual precisamos vigiar, e que nos faz perceber que somos gratuitos, é quando sentimos que estamos dentro do mundo simplesmente em nome das exigências de Deus e dos direitos do homem, e não estamos a serviço de uma facção ou de uma lógica política, em contraposição a outra.

Neste sentido, para sermos realmente profetas na liberdade, somos chamados a obedecer à verdade. Qual verdade? Aquela que nos ensinou Jesus, ou seja, a verdade que consiste em fazermos da nossa vida unicamente um espaço de dom. Eu diria quase: “Vigiar para que as nossas obras vivam em função da justiça social e não do interesse econômico”.

A coragem da esperança

Como já dissemos, vigiar significa manter uma ligação estreita com o primado de Deus, reconhecido como fonte do nosso agir. Isso, porém, não significa que o profeta se isole em relação ao contexto no qual se encontra.. Ao contrário, o profeta é sensível às demandas de seu povo, e faz qualquer

esforço para construir alguma coisa junto com ele. O profeta não controí um nicho só para si.

Esta passagem me leva a fazer uma última provocação: o profeta administra seu dom, habitando no mundo. Isso não significa que ele deva conformar-se com a mentalidade do mundo, mas quer dizer viver no mundo partindo da lógica do primado de Deus. Para isto é suficiente pensar a quando Jesus fala que a característica da experiência cristã é a alegria. Como é possível habitar a alegria evangélica num contexto de dramaticidade? Isso é possível somente olhando com o olhar do Evangelho. Isto é, com o lhar de quem canta a história, como Maria no *Magnificat*, reconhecendo-a sempre dirigida pelas mãos de Deus: somente Ele pode olhar para o mundo, até no tempo e numa realidade de sofrimento do homem, fazendo da história não uma história de abandono, mas de cura.

Um outro exemplo consiste na capacidade de administrar as coisas, habitando o mundo em solidariedade com o mundo, com qualquer tipo de mundo. É muito bonita a expressão evangélica de João: “ Deus amou tanto o mundo a ponto de enviar seu próprio filho”.

Significa que Deus não entra na história em contraposição ao mundo, mas para dizer que o ama. Este é o estilo do profeta. O profeta não é um homem solitário contra o mundo! O único que tentou essa atitude foi Jonas, o qual, perante o castigo que estava para se abater sobre Nínive, sobe a colina e senta-se para ver o espetáculo da destruição da cidade pelas mãos Deus. Deus, porém, não destroi Nínive! E Jonas, que estava aí esperando a destruição, se zanga com Deus, e chega a

amaldiçoá-lo. Deus, porém, não destrói a cidade, aliás, pede a Jonas para descer e habitar a história de Nínive.

Creio que este deva ser o nosso estilo: habitar o mundo em plena solidariedade. Exatamente porque estamos no mundo, mas sabendo que temos um ponto de vista diferente e um primado que nos dá uma motivação diferente, também precisamos manter uma certa distância do mundo. Em que sentido? No sentido que para nós o mundo não é tudo! É por isso mesmo que sabemos ser felizes dentro do mundo, sem, contudo, transformá-lo num ídolo, sem a pretensão de obter do mundo o que ele não pode dar-nos. Podemos, então, acrescentar que uma maneira profética de estar no mundo é aquela de nunca perder a esperança. Porque acreditamos no primado de Deus, e que Deus é o último a resignar-se e é o primeiro interessado a que a nossa história chegue à plenitude. Propriamente por isso o profeta, habitando o mundo, está capacitado a descobrir os lugares onde o mundo é vítima da idolatria, entendida como lugar da não autenticidade, espaço no qual poderíamos correr o risco de falsar a nossa identidade.

Este modo de habitar o mundo exige coragem, mas permite desmascarar, de verdade, as idolatrias, até aquelas que, às vezes, assumem formas enganadoras. Somente habitando o mundo poderemos criticá-lo pelas suas ambiguidades e enganos, que nele se escondem.

Uma maneira nova de operar

Um outro aspecto gostaria de vos entregar, como traço de coragem para manifestar a profecia do administrar em relação à realidade do Carisma, é que o profeta é aquele que sabe colher sempre a novidade. Eu falava há pouco do maravilhamento diante da novidade, do irromper de Deus na história, que ficou evidente também quando João Baptista, perante Jesus, que vem a ele para ser batizado, exclama: “Sou eu que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?”.

Na vinda de Deus, tem sempre a surpresa de um encontro inesperado. Mas, para ficarmos admirados, precisamos ser livres, é preciso estarmos abertos para a novidade. No fundo, também este profeta, João Baptista, amadurece a surpresa estando fundamentalmente dentro de um encontro. Se ele não estivesse ali, no meio do povo, ou à beira do rio Jordão, se não estivesse presente e pronto a ir além de suas expectativas, provavelmente não O teria reconhecido. Se não tivesse cultivado a esperança de um encontro “novo”, igualmente não O teria reconhecido. Esta é a realidade do inédito, que nós precisamos habitar, sem ter medo de reconhecer até as nossas fadigas. Penso, também neste caso, a João Baptista: ele acolhe e reconhece o novo, porém, a certa altura, quando está no cárcere e não vê respostas às suas expectativas, envia os discípulos a perguntar: “És tu o Messias que deve chegar, ou precisamos esperar por um outro?. E Jesus não dá uma resposta direta, repropõe-lhe novamente o caminho da vida: “Dizei a João Baptista: os cegos enxergam, os coxos caminham”. Ele parece quase dizer: “Se tu não estiveres aberto para a vida,

para a história, para o encontro com as relações, gozando com as pequenas coisas, com os espaços da cura, isto é, com os caminhos que a esperança realiza na vida das pessoas, não saberás ler o irromper de Deus na história”. Este é um traço que nós também deveríamos cultivar: o maravilhamento e a novidade do irromper de Deus na história, que se manifesta também na fraqueza e na fragilidade do mundo.

E ainda, é importante cultivar o essencial. João Baptista, sabemos, vive seu serviço no deserto, a primeira vista pareceria um lugar de non vida, mas exatamente ali havia acontecido o crescimento de um povo. Os sinais da essencialidade estão no seu jeito de vestir, no que come: tudo é essencial. Vestia um casaco feito de couro de camelo, um cinto de couro, sua comida eram os gafanhotos e o mel silvestre. De acordo com quanto dito até aqui, permito-me afirmar que não se trata de um estilo renunciador em relação às coisas, mas de coragem de renovar, de reconcentrar o olhar sobre aquilo que nos pede de ter o primado, que neste caso é a relação com Deus e não a vestimenta. A atitude de João Baptista não significa desprezo pelas coisas, e sim, viver aquelas coisas com um estilo e uma medida, que nós chamamos evangélica.

João Baptista chama a nossa atenção para vivermos um estilo permanente de conversão, no qual não somos impelidos a fazermos sempre coisas novas, mas somos impelidos a saber operar numa maneira nova. Este é o grande desafio. Não devemos pensar de ter que lançar sempre novas iniciativas, mas, talvez se trate simplesmente de colocar novo estilo

naquilo que já fazemos. E, talvez, a novidade não esteja assim tão longe, se nós vivenciarmos isso.

Mas, para vivenciar isso, é preciso habitar o essencial, e para habitar o essencial é preciso estar num estado permanente de conversão. Seria preciso praticar o imperativo evangélico: “ Quando vos puserdes a caminho, não leveis convosco nem bolsas, nem sandálias”. Nós, pelo contrário, muitas vezes, quando viajamos, levamos conosco um inteiro guarda-roupa...

Precisaríamos apreender isso, e voltarmos a ser viandantes, peregrinos nas estradas da história, que, ao longo do caminho, sabem reconhecer e carregar consigo o essencial. Talvez nisto poderíamos nos ajudar reciprocamente, e avaliar o que é realmente essencial. E sobre isso, os profetas de ontem e de hoje teriam muito a nos ensinar.

Impresso no mês de junho de 2017

Opúsculo editado pelo
Setor de Comunicação Obra Dom Calábria
comunicazione@doncalabria.org